

ALGUMAS NOTAS SOBRE A COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA

Joyce Vitória de ALMEIDA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *Este artigo se dedica à análise da composição neoclássica e seu tratamento na literatura morfológica moderna. Portanto, revisitamos textos já considerados clássicos no âmbito desse processo de formação de palavras e apresentamos um primeiro achado acerca do formativo neoclássico -cídio, oriundo do latim, mas altamente produtivo hoje em português, como atestam dados do tipo ‘maridocídio’ e ‘feminicídio’, entre tantos outros.*

PALAVRAS-CHAVE: *Composição; composição neoclássica; formações X-cídio.*

INTRODUÇÃO

A composição neoclássica constitui estrutura recorrente na morfologia de línguas neolatinas e europeias (Gonçalves, 2011). Esse processo é amplamente utilizado na formação de novas palavras na contemporaneidade. Apesar de sua relevância, a classificação dos compostos não é categórica e poucos autores dedicaram-se a esse estudo na literatura morfológica (Bauer, 1998). Além disso, a classificação dos formativos também não ocorre de maneira rígida entre os teóricos; isto porque os compostos neoclássicos se comportam diferentemente, sendo, assim, difícil classificá-los rigidamente (Higino, 2011). Mas, a similaridade entre os membros marginais facilita a identificação dos membros mais centrais de uma categoria (Higino, 2011).

O entendimento dos compostos neoclássicos é imprescindível para a análise dos formativos -cídio e -cida. Para isso, propomos uma revisão na literatura morfológica de teóricos que se dedicaram ao estudo de compostos neoclássicos: Petropoulou (2009), Pacová (2012), Lüdeling (2006), Ralli (2008) e Gonçalves (2011).

Petropoulou

Petropoulou (2009) argumenta que, apesar das diferentes perspectivas de análise e da diversidade terminológica empregada para descrever os elementos neoclássicos, é possível identificar características comuns entre essas formações, o que permite realizar uma descrição mais generalizante. Segundo a autora, os compostos neoclássicos são constituídos por morfemas oriundos do Grego Clássico e do Latim que, em geral, não apresentam livre curso na língua em que foram incorporados. Há, contudo, exceções, uma vez que algumas formas livres ingressaram nas línguas modernas por empréstimo e passaram a estabelecer relações morfológicas com os formativos neoclássicos. Tal é o caso, por exemplo, das terminadas em -ia, como ‘terapia’ e ‘mania’.

Ao discutir o estatuto morfológico desses elementos, Petropoulou (2009) destaca que eles poderiam ser interpretados como afixos, subdivididos em prefixos, como micro-, hydro-, bio-, e sufixos como -(o)logy, -graphic, -logic, -pathic. Outra possibilidade seria classificá-los como raízes de fronteira, capazes de originar um novo conjunto de afixos (-y, -ic, -ical, -er), que se unem a um radical preso como *graph*.

Algumas notas sobre a composição neoclássica

A autora, entretanto, opõe-se à utilização do termo afixo para descrever esses constituintes. O primeiro problema reside no fato de um mesmo elemento não poder ocupar posições distintas na palavra, isto é, ser prefixo e sufixo ao mesmo tempo, como ocorre com as formações *hydrophobe* e *phobia*. O segundo problema consiste na possibilidade combinatória: os afixos não se combinam entre si, como em *biography*, caso bio- e -graphy fossem classificados como afixos. Por fim, Petropoulou observa que esses formativos possuem maior densidade semântica quando comparados aos afixos prototípicos, aproximando-se, nesse aspecto, da posição de Bauer (1988).

Assim como ocorre no Grego Clássico e no Latim, o Português apresenta construções em que a posição ocupada pelos elementos neoclássicos poderia sugerir sua classificação como prefixos, a exemplo de agro-, bio- e eco-. Contudo, tal classificação esbarra em três problemas elencados pela autora. Para Petropoulou (2009), a denominação *forma combinatória* apresenta limitações, pois engloba elementos distintos encontrados em diversos contextos morfológicos, tais como formas decorrentes de cruzamento ou truncamentos vocabulares. Dessa forma, os elementos neoclássicos ocupam uma posição intermediária entre palavras nativas e as não-nativas, entre as simples e as complexas, as truncadas e as não-truncadas, transitando entre categorias morfológicas.

Apesar dessas dificuldades, Petropoulou (2009) destaca que um grande número de palavras constituídas por elementos de línguas clássicas compartilha características muito semelhantes para formar uma classe própria: a de compostos neoclássicos. A inclusão nessa categoria depende do grau com que determinada formação apresenta características associadas ao protótipo da composição neoclássica.

Nessa perspectiva, a autora considera composição neoclássica prototípica quando há pelo menos duas raízes de origem grega ou latina, sendo possível que uma delas apresenta realização livre. Quanto ao estatuto morfológico, os compostos neoclássicos, nessa perspectiva, são considerados constituídos de radicais presos, ao invés de afixos ou formas combinatórias.

Essa análise incorpora duas características centrais. A primeira é o reconhecimento de um status nominal para os radicais presos, pois há compostos neoclássicos que pertencem à categoria nominal, sem conter qualquer sufixo nominalizador. A segunda é a ocorrência de um elemento de ligação, geralmente as vogais -o- ou -i-, entre os elementos combinados. Originalmente associadas às vogais temáticas das línguas clássicas, essas vogais passaram a desempenhar função de marcador composicional (Gonçalves, 2011), embora essas características não sejam consensuais para a definição de composição neoclássica.

Antes de descrever os compostos neoclássicos em Grego Moderno, Petropoulou (2009) ressalta que os constituintes dos compostos neoclássicos prototípicos têm ultrapassado os limites da composição neoclássica prototípica, aparecendo em novos contextos e desempenhando novos papéis. Semelhante ao comportamento descrito pela autora, observam-se em nossos dados, um grupo de compostos neoclássicos terminados em -cídio e -cida que se combina com diferentes tipos de base: sincericídio, ricardãoicídio, formação já consagrada pelo uso na língua.

Segundo Petropoulou (2009), os compostos neoclássicos também podem ser compreendidos como internacionalismos, termo utilizado para designar pragmaticamente as palavras que em sua constituição morfológica são semelhantes, estão presentes em diferentes línguas e são formadas por elementos oriundos do Grego Clássico e do Latim. Essas formações expressam o mesmo conceito independentemente da língua em que ocorrem.

Joyce Vitória de ALMEIDA

Por fim, a autora conclui que os compostos neoclássicos prototípicos são palavras constituídas apenas por elementos de origem clássica, distinguindo-se das formações híbridas, que resultam da combinação entre elementos nativos e elementos clássicos.

Pancová

Pacová (2012), assim como Petropoulou (2009), analisa as propriedades morfológicas das formações neoclássicas no inglês, embora não estabeleça uma comparação entre diferentes línguas. A autora concentra sua discussão no estatuto morfológico dos constituintes neoclássicos, considerados fundamentais para o reconhecimento do processo de formação dessas construções.

A autora define como formações neoclássicas aquelas que consistem em elementos de origem grega ou latina que, em geral, não ocorrem como itens independentes na língua. Entretanto, assim como observado por outros estudiosos, não há consenso na literatura morfológica quanto ao estatuto desses constituintes, que podem ser classificados como formas combinatórias, afixos ou radicais, a depender da perspectiva teórica adotada.

Com o objetivo de discutir esse estatuto morfológico, Pacová (2012) compara dois modelos teóricos de formação de palavras. O primeiro é a Fonologia Lexical, segundo a qual as regras morfológicas e fonológicas são encontradas no léxico, e estão hierarquicamente dispostas em níveis. O segundo modelo teórico é a Teoria Onomasiológica de Formação de Palavras, que preconiza os seguintes princípios sintetizados por Hicino (2011):

- a) A formação de palavra é um componente independente, separado do componente lexical e do sintático;
- b) As regras de formação de palavras são consideradas produtivas e regulares;
- c) A teoria onomasiológica de formação de palavras baseia-se no léxico;
- d) A natureza bilateral de signos linguísticos é tônica;
- e) A comunidade de fala desempenha um papel crucial no processo de nomeação;
- f) A terminologia tradicional dos processos de formação de palavras, tais como a prefixação, sufixação, composição, cruzamento vocabular, etc é rejeitada e substituída pelos chamados tipos onomasiológicos;
- g) A noção de base em formação de palavras é central.

Dessa forma, a análise de Pacová (2012) demonstra que a descrição das formações neoclássicas depende da perspectiva teórica adotada.

Lüdeling

Lüdeling (2006) discute o conceito de neoclássico, o estatuto dos elementos que constituem a formação neoclássica e a produtividade, assuntos já discutidos nos trabalhos apresentados acima. A autora destaca que em línguas europeias, a formação de palavras neoclássicas ocorre paralelamente à formação de palavras nativas. Além disso, os elementos neoclássicos combinam-se produtivamente tanto entre si (*automobile, morphology, hydrophobic*) quanto com elementos nativos. Esse comportamento também é observado na língua portuguesa, cujas formas neoclássicas podem combinar-se entre si (*ortoexia*) ou com elementos vernáculos (*hidromassagem*).

A autora destaca como aspectos centrais de sua análise o estatuto morfológico dos elementos neoclássicos, a diferença entre esses elementos e os nativos, a classificação dos

Algumas notas sobre a composição neoclássica

neoclássicos e a categorização do processo de formação. Para Lüdeling (2006), a noção de ‘neoclássico’ não é simplesmente uma noção etimológica e destaca as seguintes questões envolvidas: a) o conhecimento ou desconhecimento etimológico do falante; b) a entrada desses elementos na língua que pode ser via direta, quando é tomado pela língua de origem, ou indireta, quando entra para uma língua através de outros. Assim, segundo Lüdeling (2006), o termo *neoclássico* refere-se, sobretudo, às propriedades estruturais dessas formações.

Quando aos aspectos formais, Lüdeling (2006) observa que os constituintes neoclássicos frequentemente apresentam uma vogal de ligação, em especial a vogal -o-. Contudo, a autora ressalta a dificuldade de estabelecer se a vogal está ligada à base da esquerda ou à base da direita.

Bauer

Bauer (1998), foi um dos primeiros teóricos a se debruçar na classificação dos processos de formação de palavras em Inglês, embora acredite que se aplique a outras línguas europeias. O autor propõe que esses processos sejam analisados considerando três dimensões: 1) simples-compostas; 2) nativas-estrangeiras e 3) truncadas-não truncadas.

Dentro desse espaço tridimensional, os compostos neoclássicos são definidos como “lexemas constituídos de dois ou mais radicais” (Bauer, 1998, p. XX) em geral, gregos e, ocasionalmente, latinos. Essas palavras não foram formadas nas línguas clássicas, mas são formações mais recentes usadas em línguas modernas e em comum destaca-se o elemento-cabeça ao lado direito e sua edocentricidade, a exemplo de *geology*, “ciência da terra”.

Outro aspecto discutido por Bauer (1998) refere-se ao estatuto da vogal -o- que comumente aparece entre os constituintes de compostos neoclássicos em Inglês. No Grego Clássico, a vogal -o- desempenhava a função de vogal temática; posteriormente, tornou-se um elemento de ligação entre os constituintes, função que continua a exercer no Grego Moderno.

As formações em -cídio e -cida apresentam comportamento semelhante ao descrito por Bauer (1998). Em exemplos como *genocídio*, observa-se a presença da vogal -o-, enquanto em formações como *feminicídio* e *inseticida* predomina a vogal -i-, tradicionalmente associada às formações de origem latina.

Ralli

Ralli (2008) realiza um trabalho de pesquisa sobre as formações deverbais no Grego Moderno que apresentam uma quantidade considerável de composições constituídas por radicais oriundos do Grego antigo, cujas construções são formadas por um radical e um elemento preso, considerando: a) a classificação das formações; b) se são derivadas ou compostas; c) sua estrutura interna; d) as restrições específicas que regem a sua formação e e) a questão da produtividade. A investigação dessas formações fomenta discussões sobre a natureza dessas formações, se são vernaculares ou não.

A autora destaca que as formações diferem de compostos produtivos regulares apenas no que diz respeito à natureza dos constituintes presos, pois a propriedade estrutural é a mesma: transparência de significado, padrão de formação [radical-radical], elemento cabeça à direita, marcador de composto -o- etc. São construções oriundas do meio técnico-científico e, apesar dos seus constituintes serem radicais presos, são construções integradas ao sistema de formação de compostos no Grego Moderno.

Joyce Vitória de ALMEIDA

Ao tratar das formações constituídas por radicais vernaculares, Ralli (2008) propõe uma gradação para medir a produtividade dos processos recentes, visto que assumem comportamentos diferentes dos radicais do Grego. Dessa forma, a autora demonstra que a produtividade dos compostos neoclássicos não constitui um fenômeno homogêneo, mas varia em função da natureza dos constituintes envolvidos e do grau de integração dessas formações ao sistema morfológico da língua.

Breve síntese e tomada de posição

A partir dos trabalhos expostos acima, compreende-se que -cídio e -cida são formativos classificados como compostos neoclássicos em decorrência de terem sua origem no Latim. São formações historicamente oriundas do meio técnico-científico - homicídio, fungicida - e ainda são produtivos na atualidade, como demonstraremos na análise.

Os compostos neoclássicos são constituídos por elementos de origem latina ou grega e em diferentes línguas participam da formação dos *internacionalismos* (Wexler, 1969), isto é, formas que compartilham o mesmo significado em diferentes línguas, predominantemente greco-latina. Nesse sentido, observa-se que as formações em -cídio e -cida compartilham semelhanças formal e semântica em diversas línguas, conforme ilustrado a seguir:

Quadro 1 – comparação interlinguística

Português	Inglês	Italiano	Catalão	Lombardo
homicídio	homicide	omicidio	homicidi	omicidi
suicídio	suicide	suicidio	suïcidi	suicidio
genocídio	genocide	genocidio	genocidi	genocidio

Fonte: elaboração própria

O comportamento de -cídio e -cida assemelha-se ao que Gonçalves (2011) descreve: “são compostos neoclássicos que se estruturam com base em formativos de origem greco-latina, que geralmente, não aparecem como elementos livres na língua tomadora”. Para definir esses formativos, cinco propriedades vêm sendo tomadas:

Lexematicidade na língua de origem (Pretopoulou 2009): lexemas livres e podem receber marcas flexionais variadas. Em língua portuguesa, -cídio e -cida derivam da forma latina livre *caedere*.

Ausência de realização sintática na língua-alvo (Ralli 2010): funcionam, em geral, como elementos morfológicos, não funcionam como palavras independentes. Assim, os formativos combinam-se com outra base. A exemplo ‘homocídio’.

Tipo de vocabulário que formam (Bauer, 1998): vocabulário formalmente aprendido no campo científico. As primeiras formas advêm de áreas técnicas: direito (*homicídio, feminicídio*), biologia (*inseticida, fungicida*).

Algumas notas sobre a composição neoclássica

Tipo de significado que atualizam (Ralli, 2010): “carregam significado mais abstrato em comparação aos sufixos” (citado por Gonçalves 2011). Os formativos em destaque expressam esquemas semânticos gerais:

- cídio : “morte de “x” ou “eliminação de “x”.
- cida: “agente que elimina “x”.

Por isso, podem ser aplicados a diversas bases como ‘inseticídio’, ‘feminicídio’.

Presença de uma vogal de ligação entre os componentes (Corbin, 2001): vogal -i- proveniente das formas latinas e a vogal -o- das formas que vem do Grego. Em dados do português, há predominância com a vogal -i- como em feminicídio, homicídio, enquanto a vogal -o- aparece com menor ocorrência ‘genocídio’.

A revisão da literatura permite compreender que -cídio e -cida devem ser classificados como compostos neoclássicos. Tal compreensão fundamenta-se nas características amplamente reconhecidas pelos teóricos que se dedicam ao estudo da morfologia, dentre elas a origem clássica dos constituintes, o comportamento predominantemente preso dos formativos, sua recorrência na formação do vocabulário técnico-científico e sua produtividade nas línguas modernas.

REFERÊNCIAS

- AMIOT, Dany; DAL, Georgette. Integrating neoclassical combinig forms into a lexeme-based morphology. In: BOOIJ, Geert et al. (Org.). *Mediterranean morphology meeting, fifth*, 2007, Fréjus, University of Bologna. *Proceedings...* Fréjus, University of Bologna, 2007. Disponível em: . Acesso em: 28 set. 2014.
- BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so is it productive? *Linguistics*, Boston, v. 36, n. 3, p. 403-422, 1998.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v 5, n. 2, p. 60-90, 2011a.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVel*, edição especial, n. 5, p. 6-39, 2011b.
- HIGINO da SILVA, N. A diversidade tipológica na composição de palavras neoclássicas agro-X. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, 2017.
- LÜDELING, Ankle. Neoclassical word-formation. In: BROWN, Keith. *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Orford: Elsevier, 2006.
- PANOCOVÁ, Renáta. Morphological properties of neoclassical formations in English. *Bulletin of the Transilvania University of Brasov*, series IV. Philology, Cultural Studies, România, v. 5, n. 54, p. 31-36, 2012.
- PETROPOULOU, Evanthia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*, Bloomington, v. 1, p. 40-58, 2009.

SOME NOTES ON NEOCLASSICAL COMPOUNDING

Cadernos do NEMP, n. 16, v. 1, 2025, p. 53-59.

Joyce Vitória de ALMEIDA

ABSTRACT: *This article is dedicated to the analysis of neoclassical composition and its treatment in modern morphological literature. Therefore, we revisit texts already considered classics within the scope of this word formation process and present a first finding about the neoclassical formative *cídio*, originating from Latin, but highly productive today in Portuguese, as evidenced by data such as ‘maridocídio’ and ‘feminicídio’, among many others.*

KEYWORDS: *Compounding; neoclassical compounding; X-cídio constructions.*